

Da imanência à carne

O percurso da reflexão em Michel Henry

Fernando Rosas Magalhães*

1. Introdução

A condição humana é o princípio de toda a reflexão e constitui-se para si mesma como uma questão que acompanhou todas as respostas da humanidade. O contributo deste encontro científico tem a ver com a Fenomenologia de Michel Henry que chega a uma profundidade incomparável na contemporaneidade.

Não é fácil fugir ao paroxismo se queremos resumir a extraordinária natureza da nossa condição e já foram alguns propostos: o «existencial sobrenatural»¹, segundo Rahner; ou, a partir de Michel Henry, o «transcendental concreto», segundo a professora Florinda Martins²; ou a «Ipseidade eterna», como referi noutra oportunidade³.

Parece-me que uma das maiores novidades do pensamento de Michel Henry é o modo como caracteriza e define a carne, a carne do homem, a

* Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa – Porto.

¹ RAHNER, Karl, «Sobre la relación entre la naturaleza y la gracia», in *Escritos de Teologia I*. Madrid, 2000, p. 313.

² MARTINS, Florinda, «Michel Henry: Beatitude e fenomenologia», in *Revista Portuguesa de Filosofia* 60 (2004), p. 1038.

³ MAGALHÃES, Fernando Rosas, *Caro Cardo Salutis. O contributo de Michel Henry para uma cristologia da encarnação*. Trab. de Mestrado para a UCP – Porto, Faculdade de Teologia.

encarnação, e é por esta ideia-mestra que gostaria de conduzir a minha reflexão. Na sua obra *Incarnation* diz: «a realidade da carne é estabelecida a partir da do sofrimento. Porque este, dizemos, não é uma realidade ordinária, uma espécie de facticidade afetando, não sabemos porquê, a condição humana. Porque ele pertence à edificação interior de toda a realidade, à realidade absoluta da qual procede e na qual ele se inscreve por qualquer razão de essência»⁴.

Ora, se o sofrimento é a via fenomenológica para identificar a carne, esta revela-se como realidade única onde o homem se constitui, em que se revela a si mesmo, onde cada um se encontra com a sua essência, onde cada um pode definir-se como um Eu, como um Si.

Já sabemos que esta via fenomenológica não para no interior de cada um e continua num aprofundamento dinâmico que na experiência da doação descobre um *Arqui-Si*, um *Arqui-pathos*, uma *Arqui-carne*. Este salto no Princípio, no *Arquê*, que é o que está mais fundo e mais presente em toda a realidade, é muito importante no pensamento de Michel Henry, mas não será abordado por nós nesta reflexão.

Esta nossa apresentação pretende esclarecer o trajeto de Michel Henry desde *L'Essence de la manifestation* até *Incarnation*, separadas por quase quarenta anos. É verdade que *Incarnation* é uma obra de maturidade, de síntese. Não teremos de ter medo que as obras finais de Michel Henry sejam também as conclusivas: toda a sua reflexão desagua nas portas da Teologia, especialmente da Cristologia. Ora, o que pretendo é mostrar como é que isso se encontra já presente desde o início da sua obra filosófica, em *L'Essence de la manifestation*, e se vai clarificando progressivamente até à *Incarnation*. Por impossibilidade de tempo, iremos apresentar somente as duas extremidades: em *L'Essence de la manifestation* e na *Incarnation*. Não que o trajeto não tenha interesse, bem pelo contrário...

2. A imanência em *L'Essence de la manifestation*

A inversão da Fenomenologia é a primeira proposta de Michel Henry. Na obra *Incarnation* constitui a primeira parte, mas ela está já em *L'Essence de la manifestation* quando se confronta com Husserl e Heidegger, denunciando uma fenomenologia dualista e optando pelo Monismo Ontológico, onde a essência do fenómeno é a sua fenomenalidade, a sua manifestação,

⁴ HENRY, Michel, *Incarnation. Une philosophie de la chair*. Paris: Éditions du Seuil, 2000, p. 187 (citada I).

ela mesma sem necessidade de qualquer mediação, nem de referências do mundo. A essência do fenômeno não é aparecer, mas é existir com um certo aparecer que já não é a luz do mundo, mas a sua própria luz (para usar a raiz da palavra *fenómeno*), a sua radical imanência.

A prioridade dada à imanência vem da destituição da transcendência como primeira experiência. A transcendência é uma oposição, é um movimento segundo que responde à imanência. Ligada à imanência está a problemática da recetividade tão querida à fenomenologia. Na verdade, a questão da recetividade oscila entre a capacidade de receber e a capacidade de o real se impor, generalizando, varia entre o imanentismo e o idealismo, na dualidade ontológica de cada extremo. Michel Henry sobrepõe-se a esta discussão para afirmar que a imanência não é mais do que a revelação da transcendência e a transcendência nada tem além da imanência para se manifestar. «À pura possibilidade para a transcendência de constituir o conteúdo ontológico da essência originária da recetividade e de encontrar ainda na imanência a condição última da sua realidade»⁵. Pelo que Michel Henry vai enveredar por um caminho que passa unicamente pela imanência como essência do ser, do eu, do homem. À sua caracterização dedica grande parte de *L'Essence de la manifestation* e serão essas ideias que depois serão retomadas como essenciais na *Incarnation*.

Assim, podemos destacar como principais características da imanência as seguintes. Primeira: a imanência não tem horizonte nem mundo – «a essência não tem nada nela da qual esteja separada»⁶, ela é dada em si mesma e constitui a sua própria recetividade sem necessitar de nada, sem transcendência, isto é, sem oposição; e «onde não há transcendência, não há horizonte nem mundo»⁷. Segunda: a imanência é uma experiência de si mesma. É assim que se dá e se pode conhecer, no momento em que se efetua, em que o seu conteúdo não é outro antes de ser essa experiência de si própria⁸, na solidão da sua unidade⁹. Antes de sair de si mesma ou de precisar duma contextualização, a experiência de si mesmo é a primeira imanência, na ordem do conhecimento como na ordem da existência. Nada existe antes desta experiência e nada existe fora dela.

Ora, segundo Michel Henry, a vida revela-se como essa primeira experiência, numa «positividade ontológica interna»¹⁰, numa fruição de si mesma.

⁵ HENRY, Michel, *L'Essence de la manifestation*, p. 309 (citada EM).

⁶ EM, p. 353.

⁷ EM, p. 349.

⁸ EM, p. 354.

⁹ EM, p. 354.

¹⁰ EM, p. 354.

A vida é a primeira imanência porque é a experiência que nos surpreende na sua existência e determina tudo o que a seguir virá, onde a essência se dá a ela mesma em toda a sua totalidade, em toda a sua realidade¹¹. Verdadeiramente uma Parusia¹², porque não depende de nenhuma autorização, de nenhum raciocínio, mas simplesmente da emergência da sua fruição numa relação fundacional de si mesma. A vida é a primeira imanência a que podemos ter acesso.

Essa experiência primeira não depende de nada nem de mim. Há verdadeiramente uma não liberdade, isto é, eu não sou livre de experimentar a vida ou não, mas, pelo facto de a experimentar e enquanto a experimento, constituo-me como homem, como ser. Este carácter de não liberdade acentua ainda mais a universalidade da experiência de si como fundadora da imanência e sublinha a imanência como primeira transcendência. A imanência tem, portanto, «uma estrutura sobre a qual repousa a impossibilidade para o ser de não ser inteiro presente e si mesmo, a impossibilidade para ele de romper o que o liga a ele mesmo, de se arrebatara a si e de existir fora de si»¹³.

Como podemos definir essa estrutura? A passibilidade é essa estrutura: essa possibilidade de sentir, melhor, de sentir-se, de se fruir nas tonalidades que vão do sofrimento à alegria, essa realidade que se diz a si mesma sem mediação, sem nada que não seja ela mesma, sem alteridade¹⁴. O sofrimento não se diz, padece-se e só assim se diz. Portanto, não pode haver distância entre o dizer e o ser, entre o fenómeno e a essência. O *pathos* é a sede da passibilidade, onde a imanência se encontra consigo mesma e se descobre na sua originalidade e unidade.

É aí que se mostra como revelada, que se revela mostrando-se. A sua não liberdade e passibilidade são as condições da sua revelação. Não depende de si e, ao mesmo tempo, manifesta-se no profundo de si. É, portanto, dada como uma revelação, e não como atributo mas como origem. Na verdade, voltamos à ideia já expressa da Parusia, um termo que vem da Teologia e que fala da magnificência, da grandeza do que se manifesta revelando a sua própria natureza e não só duma manifestação exterior. A Parusia é uma manifestação que faz o que revela; podemos dizer que revela e é reveladora, porque dá a conhecer o que faz e enquanto faz. «A estrutura interna da imanência é a revelação»¹⁵. Portanto, não é acessível pela razão, pela ciência, por nenhuma outra mediação, mas é recebida e enquanto recebida funda na revelação o

¹¹ EM, p. 357.

¹² EM, p. 355.

¹³ EM, p. 363.

¹⁴ EM, p. 367.

¹⁵ EM, p. 407.

revelado. Na verdade, é o primeiro dom de si mesmo, que se dá e se recebe ao mesmo tempo.

Mas, longe de qualquer idealismo, esta não é uma fundação etérea, bem pelo contrário. Não esqueçamos que ela acontece no interior da experiência de cada um e no *pathos* de cada um, na afeção de cada um, fundando ao mesmo tempo um Si (*Soi*) que é irrepetível e único, mergulhado na situação de cada Si, na situação interna, nessa mesma onde aparece e se revela a imanência, cada imanência. Não se trata, portanto, dum transcendental à maneira de Kant, universal e preexistente, mas duma «ipseidade»¹⁶ que se manifesta em cada um de forma original.

Este Si é original e invisível. Relendo Mestre Eckhart, Michel Henry faz uma fenomenologia do Invisível, o que aparentemente é uma contradição, ou, citando Holderlin, tão querido a Heidegger, «o ser humano reveste-se duma veste púdica»¹⁷. Da sua invisibilidade não decorre a sua inexistência, bem pelo contrário: a sua realidade é tanto mais verdadeira quanto a sua ipseidade se abstrai do que é visível, a sua experiência sobrevoa sobre todas as condições e é púdica, isto é, sabe que, quanto mais se mostrar, menos se manifesta, quanto mais visível, menos passional, menos patética. «O invisível não é nada que esteja ao lado do visível, nada de "transcendental"; é a essência original da vida, tal como, cumprindo-se numa esfera de imanência radical, ela não se eleva jamais na transcendência e não pode mostrar-se nela»¹⁸ mas só na imanência de cada Si.

3. A definição de carne

A caracterização da imanência, que tentamos brevemente fazer, vai transpor-se para a definição do conceito de carne. Manifestando-se como vida, terá de encontrar uma fenomenologia, uma experiência de si mesmo que é a carne: «é uma matéria impressionável provando-se a si mesma impressionavelmente e não cessando de o fazer, uma auto-impressionabilidade viva [...] é uma Carne»¹⁹. Não é uma carne do mundo, da biologia. Os compostos químicos não são impressionáveis, não são vida, não são carne. Portanto, uma matéria interior, não mais interior que eu próprio, mas onde eu sou eu mesmo, onde se gera e se encontra o Eu, o "moi".

¹⁶ *EM*, p. 420.

¹⁷ *EM*, p. 480.

¹⁸ *EM*, p. 568.

¹⁹ *I*, p. 90.

É no desenvolvimento de *C'est moi la vérité* que Michel Henry chega à necessidade de definir a carne com maior precisão. Pois, se Cristo é a Verdade, e a Verdade é a salvação do homem, é necessário determinar o que pode significar a encarnação para o Cristianismo, que homem é esse que se afirma ser a Verdade.

A redução do homem e da vida a uma quantificação geométrica ou aritmética é fortemente criticada por Michel Henry. Em Galileu Galilei este modo de pensar ganhou grande espaço e hoje renova-se o seu vigor, vestindo outras linguagens, como a informática, a identificação do genoma, etc., isto é, reduzindo o homem a algo laboratorial, que se possa manobrar. Portanto, toma-se o homem como uma coisa do mundo, e a vida como algo que se pode isolar, tratar em laboratório, e usar conforme as necessidades e os fins. Ora, o homem não pertence a este mundo, no sentido em que sobre a sua essência não se podem usar as mesmas medidas nem os mesmos instrumentos que se usam para o mundo. A redução do homem ao corpo como objeto do mundo faz esquecer completamente a verdadeira natureza do homem. A confusão entre imanência e corpo é evidente por causa duma descuidada reflexão sobre um e outro: a imanência reduzida à coisificação, à objetivação, e o corpo resumido ao «corpo sentido» para usar a expressão de Condillac²⁰, em que Michel Henry se inspira (juntamente com Maine de Biran), para definir um corpo de carne, a carne. Mas desde o princípio ficou claro que «manifestação do corpo e revelação da carne diferem totalmente, pertencem a duas ordens de grandeza heterogêneas e irreduzíveis ao aparecer»²¹. Portanto, nem o primeiro nem a segunda dependem deste aparecer do mundo.

A carne é a sede da afetividade: é nela que se sente o *sentir*, se é afetado, melhor dizendo, auto-afetado: «provar-se a si mesmo originário e puro no qual o que se prova e o que é provado não fazem mais que um»²². Esta afeção radicalmente imanente não é outra que a nossa carne. A afeção não é uma qualidade da carne, ela é a própria carne porque esta se manifesta só e enquanto afetada, não existe outra, não existe uma carne que não seja uma manifestação da vida nela, não existe uma "carne celestial", uma "carne espiritual", como deixou bem claro a luta contra a gnose dos Padres da Igreja²³, o que quer dizer que a carne como *pathos*, como passibilidade, manifestada auto-afetada, é a única que existe e, por isso, é uma carne divina, isto é, capaz de se tornar Parusia da Vida, manifestação nela do que ela é, porque manifestada

²⁰ *I*, p. 198 s.

²¹ *I*, p. 41.

²² *I*, p. 173.

²³ *I*, p. 183.

somente desse modo: sede da afetividade. Numa nota da redação de *C'est moi la vérité*, Michel Henry escreve claramente: «o que é abolido é o corpo subjetivo não a sua subjetividade, os diversos poderes e não o lugar onde eles se provam, lugar onde eles se provam, o "lugar" puro que é Vida pura, que é corpo fenomenológico absoluto, que é corpo glorioso»²⁴.

A carne é revelada e não se dá senão como manifestação da Vida; é portanto uma autorrevelação; a vida fenomenologiza-se na carne, revela a carne a si mesma, com todo o seu poder²⁵, que é um poder sentir-se nas modalidades patológicas da carne. Não há outra vida que esta: sentir-se. Por isso, esta autorrevelação da Vida na e pela carne, único modo dum acesso recíproco, é também reveladora. Esta revelação é a imanência da vida em cada vivente²⁶. Esta autorrevelação que define a carne «pertence à edificação interior de toda a realidade, à realidade absoluta da qual ela procede e na qual ela se inscreve por qualquer razão de essência. Porque Carne e *pathos* são consubstanciais ao processo no qual a vida absoluta vem a si como a matéria fenomenológica originária na qual esta Arquirrevelação se cumpre»²⁷.

A carne é ipseidade: é uma realidade que se experimenta na sua irrepitibilidade, no seu agora, sem tempo nem espaço, sem condições nem *ek-tase*, mas na essência da sua revelação, na constituição dum Si: «Nada de Si (nada de eu, de ego, de homem) sem uma carne – mas nada de carne que não seja em si um Si. A manifestação única da vida em cada carne, em cada si, é a experiência da unicidade, da individualidade, da formação dum Eu singular e irrepitível porque jamais a vida se manifesta como na carne de cada um, na variedade da sua história, do seu sentir»²⁸. Na Fenomenologia do nascer é claro que o existir não tem nada a ver com o vir ao mundo mas com o vir a uma carne, por vir à manifestação da vida numa carne. «Vir à vida enquanto Si transcendental vivente provando-se a si mesmo na carne na forma pela qual se prova toda a carne, é nascer. *Pathos* e Ipseidade advêm conjuntamente como efetuação fenomenológica originária da prova do puro vivente»²⁹.

Por isso, a encarnação não é só um assunto exclusivo do Cristianismo, mas comum a toda a reflexão da natureza humana, apesar de pertencer ao Cristianismo a primeira e inigualável reflexão sobre a carne. Numa nota preparatória de *C'est moi la vérité*, Michel Henry anota: «esta vida não cessa de

²⁴ Université Catholique de Louvain, *Plate-Forme technologique "Fonds Alpha", Fonds Michel Henry*, Ms A 024580.

²⁵ *I*, p. 192.

²⁶ *I*, p. 176.

²⁷ *I*, p. 187.

²⁸ *I*, p. 178.

²⁹ *I*, pp. 186-187.

se cumprir, no lugar que é o seu. É preciso dizer que na Grécia a subjetividade não nasceu, que é o Cristianismo que a descobriu»³⁰. Ou dito de outra forma em *L'Essence de la manifestation*: «a compreensão do invisível na sua oposição intransponível, não dialética, ao que é visível e ao seu elemento cumpre-se pela primeira vez no Cristianismo onde ela encontra a sua realização concreta»³¹.

Finalmente, acrescentar que a carne é invisível. Estamos, portanto no domínio do invisível, que não do irreal. «A minha carne não é simplesmente o princípio da constituição do meu corpo próprio objetivo, ela esconde nela a sua substância invisível»³². É a questão da noite, da ausência duma luz que nos dá objetividade e nos cega para a subjetividade, para o interior da revelação, é a noite da angústia como sentimento de si, ou do amor procurado e dado. A Fenomenologia da Noite não é o obscuro da lógica, é antes a Fenomenologia mais original³³. Essa é a dificuldade da Fenomenologia Tradicional e da Filosofia em geral, de não aceitar que o conhecimento da essência não é trabalho seu como conclusão dum exercício lógico de reflexão, mas lhe escapa completamente porque o meio ontológico em que se descobre a Essência, o Absoluto é outro, é dado, é inconcluso, é recebido na procura³⁴. Duma forma mais exata é dito por João no Prólogo: «A Luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a receberam» (Jo 1,5).

4. Conclusão: a carne crucificada

O que se pretendeu com esta reflexão entre a imanência e a carne foi mostrar que a definição de carne, absolutamente central e original em Michel Henry, está presente desde o princípio, desde *L'Essence de la manifestation* no conceito de imanência. A carne é a imanência do homem, é a sua essência, é a verdadeira manifestação do homem que o constitui e, finalmente, o salva. Porque definida como essa realidade onde a Vida se dá, descobre-se como nascido na vida, descobre-se, de certa forma, nesta carne gloriosa que é a sua própria natureza.

Podemos dizer com Santo Atanásio que «a Carne é o templo da vida»³⁵, que, tal como defendia contra o docetismo, a carne de Cristo não é uma

³⁰ Université Catholique de Louvain, *Plate-Forme technologique "Fonds Alpha", Fonds Michel Henry*, Ms A 023504.

³¹ *EM*, p. 562.

³² *I*, p. 221.

³³ Cf. *EM*, p. 551.

³⁴ Cf. *EM*, pp. 503, 514, 520.

³⁵ Cf. ATANÁSIO, *La encarnación del Verbo*, trad. do grego de José C. Fernández Sahelices (= Biblioteca de Patrística 6). Madrid: Ed. Ciudad Nueva, 1997, p. 98.

manifestação do mundo, é verdadeiramente uma manifestação da Vida e nada havia em Cristo que não fosse divino. «E uma das dificuldades tradicionais da cristologia, isto é, dos esforços feitos pelos teólogos e filósofos para pensar conceptualmente o ser misterioso de Cristo, é o seu carácter duplo. Ao mesmo tempo homem e Deus»³⁶, diz Michel Henry em *C'est moi la vérité*. Sim, se continuarmos a pensar na carne como uma coisa do mundo e em Deus como algo ou alguém que não é do mundo. A encarnação de Cristo deve ser levada até ao fim e talvez anular esta dicotomia com a novidade de Michel Henry: não há nada no homem que não seja carne e esta não é deste mundo. Ou então, se quisermos, a carne é contemporânea da vida, não do tempo e da história. É gerada em Deus, senão seria impassível, opaca, neutra e silenciosa como o mundo e o caos. Só a palavra de Deus veio dar luz, ordem e *logos* ao mundo e ao homem.

A Cruz de Cristo é sinal disso mesmo. Nas poucas referências à Cruz em Michel Henry, há uma que me parece importante nos seus manuscritos:

*Um corpo não mundano = ao qual o acesso não se faz no mundo
Um corpo não nascido
O corpo do Crucificado.*³⁷

A Cruz onde se expõe um corpo morto, mas que é fonte de Vida porquanto o acesso a essa Vida, torna-se ainda mais eloquente nesse corpo onde o sofrimento se faz tão absoluto como a vida³⁸. Morto para o mundo, inútil para o mundo, é revelação, lugar de manifestação, de Parusia³⁹ dessa outra carne de que somos feitos. Na verdade, a Cruz é uma passagem (*passage*⁴⁰), em vários sentidos. Um Arco do Triunfo⁴¹ que se manifesta ao mundo escapando à volatilidade do aparecer no mundo, sem razão lógica porque nos fala doutra lógica, uma ultra-passagem da própria morte, porque não há morte que não nos fale da Vida, do mistério de Deus que se faz experiência no mistério do homem.

³⁶ *CMV*, p. 125.

³⁷ Université Catholique de Louvain, *Plate-Forme technologique "Fonds Alpha", Fonds Michel Henry*, Ms A 024087.

³⁸ IDEM, Ms A 026471.

³⁹ Cf. *I*, p. 358.

⁴⁰ Université Catholique de Louvain, *Plate-Forme technologique "Fonds Alpha", Fonds Michel Henry*, Ms A 026270.

⁴¹ Cf. HENRY, Michel, *C'est moi la vérité*. Paris: Ed. du Seuil, 1996, p. 158.